

**Leon Herzog** (Layzor Mayer Herzcyk) nasceu em 23 de janeiro de 1919, na cidade de Ostrowiec Świętokrzyski, uma cidade industrial, com uma grande indústria siderúrgica, cuja população era 50% judaica, ativa no comércio, indústrias pequenas e trabalho artesanal: sapateiro, alfaiates, etc.

Leon era judeu, e descendia de uma família de rabinos e poetas. Entre os seus ancestrais se contam nomes ilustres do judaísmo: *Shmuel HaNagid* (o Príncipe), um erudito talmúdico, gramático, filólogo, poeta, guerreiro e estadista, espanhol; *Rashi* (Rabi Shlomo Yitzchaki), o comentador magno da Bíblia, francês; o rabino Meir de Rothenburg (conhecido como o *MaHaRa'M*), poeta litúrgico, autoridade rabínica em Worms na idade média; e quatro expoentes do judaísmo no século 16 na Polónia, a saber os rabinos Yehuda ben Betzalel Loew (conhecido como o *MaHaRaL de Praga*); Moisés ben Israel Isserles de Cracóvia (conhecido como o "*RaMA*", o autor da parte ashkenazi do *Shulchan Aruch*); Shlomo Luria, (conhecido como *MaHaRaSHaL*); e Shmuel Eliezer haLevi Eideles (conhecido como *MaHarSha*).

Sua família era muito conhecida na cidade: seu pai Jacob (Yankele) era um pequeno industrial, fabricava cola de batatas, e sua mãe Rachel tinha uma loja, fazia chapéus. Leon era o caçula de 9 irmãos. Os dois irmãos mais velhos, Bernardo e José, emigraram para o Brasil no início dos anos 20, e duas irmãs os seguiram às vésperas da segunda guerra. Seu irmão Saul tinha uma pequena fábrica de bicicletas (parte fabricando e parte montando bicicletas) – onde Leon trabalhava desde menino.

Leon estudava numa escola pública, e quando terminou o primário, ingressou numa escola técnica, por causa da fabriqueta de bicicletas; com o casamento do irmão Saul, que foi se estabelecer sozinho em outra cidade, Leon foi obrigado, aos 16 anos, a assumir o negócio, e aos 17, 18 anos, já dirigia uma pequena fábrica.

Nesta época o anti-semitismo na Polónia era grande, e segundo Leon, era sentido na escola – onde "professores faziam questão de humilhar o aluno judeu" e nos contatos sociais. Ele relata que jogava futebol bem, e por isso era o único judeu aceito no time; um dia ao fazer um gol, os jogadores do time opositor caíram em cima dele e começaram a espancá-lo: "poucos saíram em minha defesa; apanhei, mas também devolvi".

Ainda antes da guerra, em 37, 38, 39, houve um recrudescimento do anti-semitismo por influencia nazista, "a tal ponto, que judeus já não podiam passear livremente, porque eram espancados, em suas lojas eram colocadas placas de "não compre no judeu", e o governo não se manifestava." Em Ostrowiec surgiram barracas de propaganda com caricaturas dos judeus, pintados como sugadores de sangue dos poloneses, como a teia da aranha que enredava os poloneses.

Por toda a Europa, começaram a se formar organizações sionistas a partir das idéias de Theodor Herzl, e aos 14 anos, Leon ingressou no grupo *HaShomer*, onde fez muitos amigos. Tinha 17 anos quando estourou a guerra. Logo entendeu que a política alemã era isolar e enfraquecer os judeus através de leis discriminatórias sucessivas, e que a única possibilidade de sobreviver seria através de uma falsa identidade como não-judeu. Porque os alemães, quando ocuparam Ostrowiec, emitiram diferentes tipos de documentos de identidade para os judeus e os não-judeus. Trocaram as carteiras de todos os habitantes.

Por causa da fábrica de bicicletas, Leon era conhecido na prefeitura, onde se emitiam esses documentos, os novos documentos. Conseguiu que um funcionário que o conhecia, usando fotos verdadeiras suas e de um pequeno grupo de amigos do movimento sionista, produzisse

falsos documentos legítimos, lhes conferindo identidades de poloneses não-judeus. Graças a isso, Leon e todos os seus amigos se salvaram: “Nós não abaixamos a cabeça”.

Os alemães entraram na cidade em 7 de setembro de 1939 e progressivamente foram tomando tudo. A princípio a fábrica de bicicletas funcionava ainda. Leon conta que, neste período, uma moça polonesa que tinha comprado e levado uma bicicleta, voltou alguns dias reclamando do preço que tinha pago. Ele lhe explicou que comprara essa bicicleta da Alemanha por esse preço e lhe mostrou a nota fiscal. “Ela não gostou. Foi dar queixa na GESTAPO dizendo que falei mal de Hitler. A GESTAPO veio me prender, me levaram e queriam que eu assinasse uma declaração dizendo que tinha dito isso e isso sobre Hitler. Eu recusei, fui preso, apanhei um bocado, e através do Judenrat (Comitê Judaico), com dinheiro, meus pais conseguiram que eu fosse solto”.

Como outros judeus, Leon foi forçado a trabalhar como escravo em fábricas alemãs, a princípio numa siderúrgica e depois numa fábrica de tijolos, cerâmica. “Os alemães nos levavam, durante o dia marchávamos em fila, para o trabalho, alguns quilômetros, e depois do trabalho voltávamos para o gueto para dormir. De manhã, durante o dia, recebia-se uma sopa, um pedaço de pão. “

Na primavera de 1941, um gueto foi estabelecido em Ostrowiec. Uma das visões mais impactantes para Leon, foi quando um dia, marchando para o trabalho, ao atravessar a praça principal do gueto (outrora judaica), viu as casas com janelas quebradas, portas escancaradas, saqueadas, sem viv'alma, e livros, bibliotecas inteiras, livros de rezas, candelabros e objetos tradicionais judaicos, tudo jogado no meio da rua. Ele pensou: “chegou o fim, nenhum judeu vai sobreviver”.

Tinha havido uma primeira deportação, e havia notícias de que haveria outras. Um grupo de judeus tinha tentado se juntar aos partisanos poloneses, no que foram sumariamente executados, ao depositar as armas que traziam – o que tornava esta opção inviável. O que fazer?

Os alemães recrutavam poloneses para trabalhar na Alemanha em diversas áreas com alguma remuneração. Leon e seus amigos, de posse das carteiras de identidade polonesa de não-judeus, conseguiram se inscrever como trabalhadores voluntários e viajar como poloneses para trabalhar na Alemanha no início de 1942. Lá ficou ele até o fim da guerra, em Gissen, trabalhando como jardineiro numa plantação de legumes, onde atuava também como mecânico, motorista e construtor.

Leon sobreviveu ao bombardeio da cidade pelos aliados, e após a guerra, foi trabalhar por algum tempo como oficial na *U.N.R.R.A. (United Nations Relief and Rehabilitation Administration – Administração das Nações Unidas de Assistência e Reabilitação)* órgão que se ocupava de repatriar os estrangeiros espalhados pela Alemanha para seus países de origem. Depois de inúmeras tentativas frustradas, conseguiu se comunicar com os familiares no Brasil, e finalmente conseguiu documentos para emigrar para o Brasil – o que fez via Paris e Gênova, num navio cargueiro adaptado para passageiros, o Alm. Alexandrino. Chegou no dia 10 de dezembro de 1946, data comemorada anualmente com grande entusiasmo. Achou o Brasil um paraíso.

Em 1947 ele se juntou ao irmão mais velho, Bernardo Herzog, proprietário de uma indústria de produtos químicos, a B. Herzog S/A. Como o que sabia fazer era relacionado a bicicletas e motocicletas, Leon acabou montando um departamento para comercializar bicicletas e peças de motocicletas, dentro da própria B. Herzog. Em 1950, ainda dentro da companhia, Leon

construiu a fábrica de bicicletas Gulliver, uma das primeiras no Brasil, e em 1955, iniciou a produção da bicicleta motorizada Gullivette, usando um motor francês Lavalette. Todas as peças da Gullivette, à exceção do motor, eram produzidas na fábrica no Rio. Leon pessoalmente projetou e desenhou todas as partes do ciclomotor, aproveitando várias peças que já eram produzidas para a montagem das bicicletas. Em fins de 1957, Leon desfez a sociedade com o irmão Bernardo, fechando a fábrica da Gulliver e da Gullivette, e fundou a sua própria empresa L. Herzog S/A, que inicialmente importava motocicletas Victoria e Jawa.

Em 1960 nascia a primeira motocicleta brasileira, a Leonette, usando um motor Jawa, de 2 marchas. A fabricação e estampagem dos quadros e das partes principais do primeiro modelo de Leonette, era feita com moldes usados comprados no exterior, adaptados para funcionarem nas prensas de uma antiga fábrica de baldes, comprada por Leon, exclusivamente para esse fim. Apenas o motor era importado, sendo que as peças elétricas e os pneus eram comprados de fornecedores nacionais. Inicialmente foram produzidas de 100 a 120 unidades por mês, numa fábrica com uma área de 1.200 m<sup>2</sup> e 50 operários, marcando o início da era da motocicleta brasileira.

Além das Leonettes, Leon fabricava também bicicletas de passeio e de carga, das marcas Cacique e Roadster. A partir do final de 1967, a Leonette passou a utilizar um motor mais possante e mais moderno, com 3 marchas e comando no pé, como são hoje em dia todas as motocicletas.

A Leonette foi um dos artigos mais desejados nos anos 60 e início dos 70. Até mesmo a Polícia Militar usava a Leonette. Era vendida em todo o Brasil, com assistência técnica em praticamente todas as capitais do país e em diversas cidades grandes. Em 1970, um fabricante japonês de motocicletas propôs uma joint venture a Leon Herzog: produzir uma motocicleta brasileira, utilizando o parque fabril, a rede de vendas e assistência técnica existentes da Leonette, mas utilizando motores japoneses em vez de Jawa. Leon recusou, uma vez que o nome no quadro não seria mais "Leonette". 1971 foi o último ano de produção de Leonette.

Na época, a L. HERZOG era uma das maiores fornecedoras de aço para construção no Brasil (lembre-se que para produzir os raios dos aros das rodas das bicicletas e motos a empresa precisava comprar bobinas de arame), o que levou Leon a um novo capítulo em sua vida: a criação em 1972 da ARMAFER. Esta processava o aço usado nas construções (que era vendido pela L. Herzog S.A) fornecendo-o pronto para receber o concreto. A Armafer teve enorme sucesso, fruto do pensamento criativo e inovador de Leon.

Leon Herzog foi também um golfista emérito, conquistando cerca de 150 taças, e exercendo com distinção por vários anos o papel de "capitão de golfe" no Teresópolis Golfe Club. Além de se bater toda a sua vida contra o anti-semitismo, foi um defensor incansável do direito de minorias étnicas terem acesso ao golf. Em sua memória foi criada a taça Leon Herzog de golfe.

“Você não deve esconder a sua ascendência. Seja lá o que você for, preto, branco, amarelo, você tem que lutar pelos seus direitos nesse mundo, por quem você é. Você tem os mesmos direitos do que qualquer outra pessoa. Você tem que lutar para conquistar as coisas, porque elas não vêm sozinhas. É preciso trabalhar, e trabalhar honestamente.” Leon Herzog